

## **LIVRO DAS OFICINAS**

### **LINGUAGEM E GLOBALIZAÇÃO: PERSPECTIVA DA ANÁLISE CRÍTICA DA LINGUAGEM**

*Silvio Luís da Silva* (UNP/PUC-SP)

[silviodalva@uol.com.br](mailto:silviodalva@uol.com.br)

*Cleide Emília Faye Pedrosa* (UFRN/UFS)

[eliaspedrosa@uol.com.br](mailto:eliaspedrosa@uol.com.br)

*Taysa Mércia dos Santos Souza Damasceno* (UFRN/UFS)

[taysa\\_damaceno@yahoo.com.br](mailto:taysa_damaceno@yahoo.com.br)

Há muito tempo nos demos conta da importância alcançada pelo uso da palavra em todas as situações de comunicação. Se, antes, os estudiosos se debruçavam sobre a sua estrutura, hoje estudamos as estruturas criadas pela palavra que, posta em movimento, em discursos os mais diversos, proporcionam uma conexão dos indivíduos com o mundo. Evidentemente, o discurso não se apresenta como uma simples e pura representação individual, mas são determinados e selecionados tendo em vista os interesses da sociedade, tanto na concepção de mundo, como nos valores culturais, nas identidades e nas formas de governo.

Nesse sentido, temos assistido, desde o final do século XX, um avanço nas relações comerciais entre os mais diversos países do mundo, que se deu em razão do barateamento dos custos em comunicação e transporte, mas que se tornou um processo econômico e social que cria uma integração entre os países e as pessoas em todo o mundo. Esse processo, conhecido como globalização, se estende desde as formais relações diplomáticas e comerciais até as relações interpessoais e, assim, estabelece novas formas de comunicação, com uma consequente alteração do uso linguístico e, por conseguinte, uma alteração no *modus vivendi* dos sujeitos sociais. As consequências da globalização nos levam a buscar um entendimento para os processos que a envolvem, especialmente no que diz respeito ao uso do discurso, pois

os discursos da globalização não apenas representam processos e tendências de globalização que estão acontecendo independentemente. Eles podem em certas condições também contribuir para a criação e mudança dos processos atuais de globalização (FAIRCLOUGH, 2006, p. 3)<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> No original: discourses of globalization do not merely represent processes and tendencies of globalization which are happening independently. They can under certain conditions also contribute to creating and shaping actual processes of globalization. (tradução nossa)

## LIVRO DAS OFICINAS

Além dos processos linguísticos, há processos reais de globalização que não podem ser negados, mesmo que os sujeitos sociais não os queiram enxergar. No Brasil, um exemplo clássico da existência da globalização no cotidiano dos brasileiros é a frequente e crescente frota de automóveis importados nas ruas. Esse dado torna-se um fato inconteste da existência de um mercado global. Resta-nos, neste trabalho, apontar para outros aspectos de globalização, os aspectos discursivos, especialmente, porque cremos que, ao analisar mais acuradamente o discurso, somos levados a compreender melhor os comportamentos dos sujeitos sociais, especialmente porque

certos discursos ... que podem ser apresentados como inadequados para os processos reais [de globalização], em que falta 'adequação prática', podem também ser usados para criar e sustentar posições injustas e anti-democráticas e relações de poder, e podem nesse sentido serem considerados como *ideologias* (FAIRCLOUGH, 2006, p. 4)<sup>5</sup>

Se, de um lado, a globalização é um fator facilmente reconhecível quando se trata de elementos 'físicos' (carros, roupas, acessórios, equipamentos de informática etc.) presentes no nosso cotidiano, de outro, sua presença no uso linguístico parece não ser tão facilmente reconhecida ou sua influência detectada como uma possível manipulação ou exercício de poder. Nesse sentido, devemos salientar especialmente que "o poder não apenas aparece 'nos' ou 'por meio dos' discursos, mas também que é relevante como força societal 'por trás' dos discursos" (DIJK, 2008, p. 44) proferidos por agentes reais do cenário sociocultural.

Porém, quando se trata do discurso da globalização, como nos esclarece Fairclough (2008), essa globalização é representada como um processo sem agentes, o que naturaliza o processo e obscurece as reais intenções dos países que, efetivamente, produzem a globalização e, por certo, dela se favorecem sem que o resto do mundo possa deles cobrar a conta final do processo.

Neste cenário, a compreensão geral é que este é um processo irreversível que afeta a todos de maneira semelhante; assim, 'o termo se declara imune a todo questionamento' (BAUMAN, 2008, p. 07).

Para podermos compreender como esse processo se dá textualmente, tomamos como exemplo o artigo "10 países que têm grande risco

---

<sup>5</sup> Certain discourses... which can be shown to be not adequate for real processes, which lack 'practical adequacy', can also be shown to be used to create and sustain unjust or undemocratic positions and relations of Power, and can in that sense be regarded as *ideologies*. (trad. nossa)

## LIVRO DAS OFICINAS

de dar um calote“, de Luís Artur Nogueira, da revista *Exame*, publicado no site da revista em 26/05/2011<sup>6</sup>, que discute a crise econômica de 2011 e as suas consequências para um mundo globalizado, e aponta para a condição favorável do Brasil que atualmente atrai os investimentos estrangeiros.

Alguns termos nos chamam a atenção no texto. São termos em inglês que, aparentemente, são consensuais e não oferecem qualquer problema de compreensão para os leitores alvo do artigo. São eles: *ranking*, *Credit Default Swap (CDS)*, *spread*, *bungee jump* e a expressão idiomática “*No risk, no fun*”.

De todos os termos elencados, a tradução para o português não parece ser importante quando vemos a fluidez com que os termos são inseridos na matéria, pois a economia, em geral, é uma seara que se vale da chamada língua universal (dos negócios), ou seja, o inglês. São inúmeros os exemplos encontrados em que a tradução não é feita e que o termo se consolida no uso dos profissionais do setor.

Um exemplo que podemos imediatamente identificar é o termo *Credit Default Swap (CDS)*, para o qual o sujeito do discurso traz uma definição – um instrumento derivativo negociado no mercado financeiro, que serve como um seguro contra o calote de algum país – e, para simplificar, uma explicação mais popular: *O raciocínio é simples: quanto maior o risco de moratória, mais alta é a cotação do CDS desse país.*

É certo que o texto tende a se tornar explicativo para que os leitores o entendam, mas o termo que é exposto, certamente não deve ganhar outra tradução, como ‘Crédito Padrão de Troca (CPT)’ ou, ainda, ‘Crédito de Troca Padrão (CTP)’. E isso se dá por uma razão muito simples: é importante que haja uma unificação dos termos (especialmente na economia) para que os agentes do setor possam se comunicar sem maiores problemas. Imagine um brasileiro se referindo ao CDS como CTP ou CPT como propusemos acima em uma comunicação, mesmo que interna. O resultado seria uma miscelânea de siglas e uma grande falta de comunicação.

Parece, então, razoável a manutenção do termo em seu idioma ‘original’, mas o que realmente este procedimento faz é que a globalização seja inserida no contexto dos usuários de qualquer idioma. Por certo, em

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://exame.abril.com.br/economia/mundo/noticias/10-paises-que-tem-grande-risco-de-dar-um-calote>. Consultado em: 28/05/2011.

## LIVRO DAS OFICINAS

espanhol, ou italiano ou dinamarquês o termo será utilizado da mesma forma: CDS.

Veja que esse simples exemplo já nos encaminha para uma compreensão da globalização como algo mais profundo do que uma abertura de mercado, uma abertura comercial. Há, podemos indicar, uma alteração linguística do comportamento dos falantes de quaisquer idiomas que estejam em um ‘universo globalizado’ e, nesse sentido, é importante que saibamos que a “‘globalização’ não se refere ao que nós, ao menos os mais engenhosos e empreendedores, queremos ou esperamos *fazer*, mas o que *nos sucede a todos*” (BAUMAN, 2008, p. 81). É o que Von Wright (*apud* BAUMAN, 2008) chama de ‘forças anônimas’ que age na ‘terra de ninguém’, ou na expressão de Giddens (*apud* BAUMAN, 2008), na ‘selva fabricada’.

Fairclough (2006), ao analisar o discurso da globalização fala em discursos centrais ou nodais, e diz que em torno desses discursos muito outros se aglomeram, transformando o termo em um nódulo central tanto para a compreensão do leitor quanto para a própria concepção de sua significação e, nesse sentido, é importante que percebamos as nuances desse comportamento do mercado (e de seus agentes) pois os procedimentos todos devem ser entendidos como globalização, mesmo que veladamente. Beck (2008, p. 15) diz que o “termo ‘globalização’, atualmente onipresente em toda manifestação pública” e isso nos leva a entender que essas manifestações tonam-se ‘naturalizadas’ e, por conseguinte o próprio efeito da globalização parece natural.

A influência recebida é tamanha que, ao se deparar com termos muito próprios do país, o texto esclarece a sua semelhança, o seu sinônimo no mundo da economia global. Ao explicar o funcionamento da economia, o autor fala em derivativos e o explica dizendo que o termo *se refere a um período específico e normalmente é medido em pontos-base (um ponto base equivale a 0,01 ponto percentual)*. Mas uma explicação não parece suficiente, pois antes mesmo de dar a explicação, temos o esclarecimento de que derivativo *é também chamado de spread*, e que, portanto, portanto, deve ser de conhecimento dos agentes econômicos, afinal,

*globalização* significa os *processos* em virtude dos quais os Estados nacionais soberanos se entremesclam e imbricam mediante atores transnacionais e suas respectivas probabilidades de poder, orientações, identidades e entramados vários. (BECK, 2008, p. 34).

## **LIVRO DAS OFICINAS**

Trata-se, então, de algo mais profundo e que afeta o próprio comportamento nos/dos países e, por conseguinte, força que os usuários identifiquem os termos ‘globalizados’ de imediato para que possam agilmente realizar suas tarefas. Temos um exemplo disso no mesmo texto, quando há uma retomada de CDS: *Sendo assim, um CDS de 100 pontos-base indica que o credor irá pagar o equivalente a 1% da sua carteira de crédito para ser protegido pelo vendedor do derivativo.*

Até este momento, estávamos tratando a globalização em termos amplos, o que, na verdade, não é tratar de globalização, embora normalmente se veja em muitas discussões a respeito. Na realidade, globalização significa “a intensificação dos espaços, sucessos, problemas, conflitos e biografias transnacionais (...) este movimento deve se entender só de maneira *contingente e dialética*, isto é de maneira *global*” (BECK, 2008, p. 171), que não é o que acontece. O que vemos aqui não se trata de um fenômeno *global* do Brasil, mas um uso que se espraiou pelo mundo todo e que precisa ser compreendido mais profundamente, pois indica um domínio mundial do mercado, um domínio dos termos centrais desse mercado e, por conseguinte, uma massificação terminológica que exige dos usuários muito mais do que o entendimento dos processos econômicos, mas das relações que esses processos têm (ou fazem) no mundo, ou seja, é preciso que entendam o que se convencionou denominar globalismo (e não globalização), ou seja, “a ideologia neoliberal do domínio do mercado mundial” (BECK, 2008, p. 173).

Os termos globalismo e globalização não podem ser tomados sob a mesma perspectiva, com as mesmas finalidades ou com as mesmas características, pois, a globalização é uma visão de um mundo interligado e cada vez menor (mais unido), ao passo que “o globalismo neoliberal é uma forma fenomênica do pensamento e da ação *unidimensionais*, um tipo de cosmovisão *monocausal* do economicismo (BECK, 2008, p. 221).

Resta-nos, então, compreender se estamos diante de um processo que se afilia á globalização ou ao globalismo, este entendido como

a concepção segundo a qual o mercado mundial desaloja ou substitui o fazer político; isto é, a ideologia do domínio do mercado mundial ou a ideologia do liberalismo. Esta procede de maneira monocausal e economicista e reduz a pluridimensionalidade da globalização a uma só dimensão, a econômica (BECK, 2008, p. 32).

Antes de nos aprofundarmos um pouco mais e entendermos como os processos são dados, precisamos ter em mente que, para se proceder a uma análise do discurso, com foco na análise social, alguns parâmetros

## **LIVRO DAS OFICINAS**

devem ser seguidos. Para Fairclough (2006), essa análise deve ser pautada em três níveis de abstração: **eventos sociais, práticas sociais e estruturas sociais**, assim compreendidos:

**o evento social (ou o texto):** o termo ‘evento’ inclui todos os ‘avanços’ da vida social, “todas as ações e acontecimentos que constituem um ‘processo social’” (HARVEY *apud* FAIRCLOUGH, 2006, p. 25). O evento social traz como momento semiótico o texto, em sentido amplo, envolvendo o texto oral, escrito, multimodal, sonoro etc.

**a prática social (ou a ordem do discurso):** as ‘ordens do discurso’ (discursos, gêneros e estilos) correspondem aos momentos semióticos das práticas sociais. Essas práticas, por sua vez, são rituais associados a instituições e organizações específicas, funcionando como intermediação entre as estruturas e os eventos sociais. Os agentes sociais escolhem as ordens do discurso com o objetivo de criar novos sentidos, partindo da interdiscursividade com outros textos, adicionando-se a questões de variação de discurso, gênero e estilo;

**a estrutura social (ou linguagem):** É o nível mais abstrato e geral. É por meio da linguagem e sustentados por uma instituição que as normas e os códigos são estabelecidos com fim de orientar os agentes sociais. Fairclough alerta para o fato de que a relação entre estrutura e evento só pode ocorrer pelas práticas sociais.

Esses níveis nos guiam para a realização da análise e permitem que façamos as relações entre os procedimentos textuais e a sua repercussão social. Quanto aos exemplos acima, a respeito do uso de termos estrangeiros, embora a primeira noção seja a de que temos apenas um processo que se dá no nível do evento social, do próprio texto, já podemos antecipar que não é bem assim que as coisas funcionam. A prática social, a ordem do discurso, é afetada por esse processo iniciado pelo texto, tanto que o texto, quando se vale de uma palavra em português – derivativo – imediatamente a traduz por *spreed*. O importante é que não se trata a explicação não se trata de um mero aposto desejado pelo sujeito escritor, mas uma obrigação que lhe é imposta pela ordem do discurso, pelo gênero que escolhe e, não obstante, pelo público a ser atingido. Esta atitude automaticamente nos conduz ao terceiro nível explicado por Fairclough, a estrutura social, que se vê estabelecendo códigos (neste caso, linguísticos) e afetando o comportamento do agente social. Teríamos aqui um caso de globalização ou globalismo? É o que veremos a seguir.

## LIVRO DAS OFICINAS

O artigo nos informa que, a pedido da revista *exame*, foi feito um ranking dos dez países de maior risco para os investidores. Vamos nos ater apenas aos três primeiros, e verificar o que é dito de cada um deles:

**1º lugar – Grécia:** O risco elevado é explicado pela grave situação financeira pela qual passa o país, com possibilidade não remota de moratória. O socorro por parte da União Europeia e do Fundo Monetário Internacional permeia diariamente as manchetes internacionais. Não está descartada a saída da Grécia da zona do euro. O índice significa que o seguro contra o calote grego custa 14,73% do montante aplicado.

**2º lugar – Venezuela:** O risco elevado é explicado pela grande dependência que o país tem do mercado de petróleo e, é claro, das ideias "exóticas" do seu presidente. A pontuação significa que o seguro contra o calote venezuelano custa 11,19% do montante aplicado.

**3º lugar – Paquistão:** A terra escolhida por Bin Laden para se esconder dos Estados Unidos não anda muito bem vista no mercado financeiro. O Paquistão ocupa o terceiro lugar no ranking de CDS de 5 anos com 862,50 pontos-base. Isso significa que o seguro contra o calote paquistanês custa 8,63% do montante aplicado.

Um primeiro dado que precisamos nos ater é ao fato de que todas as conturbações dos países são traduzidas em uma porcentagem de 'risco' para o mercado investidor e essa é a medida que torna o país melhor ou pior lugar para se investir. Na ordem, Grécia, Venezuela e Paquistão têm risco de 14,73%, 11,19% e 8,63%. Do Oriente Médio à América Latina, os dados são tratados igualmente, ou seja, o índice deve ser entendido como um termômetro, uma espécie de 'aviso' de que o investidor que nesses países investirem o farão com grandes riscos, afinal "*no risk, no fun*" como o próprio texto diz.

A explicação para a pontuação elevada do risco dos países é dada individualmente, como seria evidente. Para a Grécia, as causas passam pela *grave situação financeira pela qual passa o país, com possibilidade não remota de moratória*; para a Venezuela *risco elevado é explicado pela grande dependência que o país tem do mercado de petróleo e, é claro, das ideias "exóticas" do seu presidente*; e para o Paquistão não há exatamente uma explicação, mas uma especulação, pois, para o artigo a *terra escolhida por Bin Laden para se esconder dos Estados Unidos não anda muito bem vista no mercado financeiro*.

## **LIVRO DAS OFICINAS**

Note que as especificidades dos países, seja o exótico Hugo Chaves, seja o esconderijo de Bin Laden, não são diretamente relacionados com a economia, mas são, por certo, fatores que afetam a economia e a imagem do país no exterior. São sujeitos sócio-históricos que trazem para a economia os efeitos de sua historicidade.

Na Grécia, uma moratória afetaria toda a União Europeia (UE) e poderia levar o euro a uma desvalorização diante do dólar e outras moedas no mercado internacional e, por isso, os riscos são potencializados. Não temos então apenas uma situação *global*, mas um evidente sintoma de globalização da economia e dos efeitos das relações entre eventos sociais, práticas sociais e estruturas sociais. Pois, segundo o texto, *não está descartada a saída da Grécia da zona do euro*, ou seja, há no evento social (o texto propriamente dito) uma alusão a alterações sintomáticas nas práticas sociais e na própria estrutura social da Grécia. Embora essa implicação seja, ainda uma especulação, o efeito de sentido nos investidores leitores é, sem dúvida, imediato e há uma clara tentativa de dissuadir (ou proteger) os investidores brasileiros desse mercado.

Uma informação mais contundente e menos especulativa é dada quando se fala da Venezuela, em razão da *grande dependência que o país tem do mercado de petróleo*, que parece mais razoável e menos tendenciosa, mas é, assim mesmo, uma manipulação, pois a adjetivação – um processo textual – ao mesmo tempo que expõe a opinião particular do sujeito escritor, faz com que o sujeito-leitor sinta negativamente o dado (mesmo que ele efetivamente o seja) e lhe induz a uma atitude de evitar investimentos no país.

Bauman (2008, p. 09) afirma que “os processos de globalização incluem uma segregação, separação e marginalização social progressiva”. É com esta afirmação, em mente que retomamos a análise do risco feito sobre o Paquistão. É preciso que saibamos os efeitos causados na economia mundial quando do ataque aos EUA de onze de setembro, quando os mercados entraram em polvorosa, e os efeitos da morte do mentor do ataque. É essa historicidade que permite que o texto apenas indique a presença de bin Laden no Paquistão como um fator ameaçador. Subentendido está que a oposição à maior economia mundial, os EUA, não se dá exclusivamente por questões de mercado ou de ajustes econômicos, mas por guerras pelo poder travestidas de orgulho e negócios.

Identificamos, nesses ‘esclarecimentos’ a respeito dos riscos dos países o que Fairclough (2006) denominou como *argumentação epistê-*



## **LIVRO DAS OFICINAS**

*mica*, que toma dados epistêmicos como o que aconteceu, qual é a situação etc. e *argumentação normativa*, que preconizam o que pode ou não ser acontecer ou ser feito.

No caso do Paquistão, temos uma *argumentação epistêmica* – bin Laden se escondeu no Paquistão – e uma *argumentação normativa* quase causal: (por isso) não invista no país. O mesmo acontece com a Grécia – a situação econômica e sua possível exclusão da UE – e com a Venezuela – dependente do petróleo e com um presidente ‘exótico’, para ambos a mesma mensagem, a mesma instrução: não invista no país.

Ao retomarmos os ditos dos trabalhos de Fairclough (2006), para quem o discurso é um momento do processo social (que inclui a atividade mental do sujeito, suas práticas sociais, as relações sociais etc.) que está dialeticamente relacionado a outros momentos e que esses momentos – e os discursos, porque ‘internalizam em algum sentido tudo que ocorre como outros momentos’ (HARVEY *apud* FAIRCLOUGH, 2006), entendemos como esse discurso de imiscui em toda a historicidade e cria uma nova história, um novo comportamento com base em uma generalização que, neste caso, toma formas de dados concretos, *afinal lideram o ranking países que estão em grave crise econômica, como os da periferia europeia, os que vivem revoluções sociais, como os árabes e os norte-africanos, e aqueles eternos adeptos do populismo irresponsável.*

A articulação desse discurso globalizante, que tende a fazer com que as atitudes de todos os investidores sejam iguais – se resolver investir, pague o ‘seguro’ CDS – é feita, também, pelo processo inverso do que vimos até agora. No excerto mencionado no parágrafo anterior, são as estruturas sociais – viver em revolução ou ser adeptos do populismo – que foram escolhidas pelos agentes sociais (o momento das práticas sociais, segundo Fairclough (2006)) e foram transformadas em um evento social: o texto. Por sua vez, esse texto, esse evento, tende a criar o caminho oposto e transformar o que aqui parece ser uma dica ou um conselho – não invista nesses países – textualmente construído em uma opinião dos agentes sociais e, por conseguinte, uma parte da estrutura social (mundial).

Subjacente, uma nova tentativa de globalizar os investimentos no Brasil, pois o país do *total de 71 nações pesquisadas (...) tem o 35º maior risco*. Ou seja, está longe das nações que devem merecer menores investimentos, porque agora, *país tornou-se um dos destinados mais badalados do capital internacional.*

## **LIVRO DAS OFICINAS**

A finalização do artigo (que apenas indica como saber quais são os outros países de ‘risco’) é um sarcasmo que tende a nova manipulação globalizante: *A pergunta simples e direta é: você colocaria o seu dinheiro nesses países? "No risk, no fun", já diria o poeta. Será? Bom, muita gente pula de bungee jump...*

Para Fairclough (2006) as tendências e processos reais de globalização, ou seja, o que realmente acontece em oposição ao que se representa como se estivesse acontecendo, são elementos muito complexos, diversos, desiguais que envolvem questões multidimensionais econômicas, sociais, culturais etc. e, nesse sentido, entendemos que a complexidade do que aqui se pretende como uma verificação, uma constatação de um discurso da globalização pode ser, na verdade, um discurso globalista, que, na visão de Fairclough (2006) é apenas uma estratégia e não uma força mais ampla e, por isso, pode ser interrompido.

A globalização, por sua vez, é algo que não pode ser parado, porque faz parte de um processo desencadeado mundialmente. “Neste quadro da globalização, a compreensão geral é que este é um processo irreversível que afeta a todos de maneira semelhante; assim, ‘o termo se declara imune a todo questionamento’” (BAUMAN, 2008, p. 07) do qual a linguagem é parte integrante.

### ***Considerações finais***

O foco do livro de Fairclough, *Language and Globalization*, é o discurso, e seu objetivo é mostrar a importância de se trabalhar com análise crítica do discurso para analisar os discursos da globalização. Neste artigo, trouxemos à tona alguns questionamentos do comportamento linguístico da economia brasileira que, em muitas vezes, se vale de termos em inglês para propor definições que são importantes para a compreensão do mercado e do agente social que se vê revestido dessa linguagem, desses termos.

Pudemos perceber que a noção de globalização se constrói com base em argumentações epistemológicas e normativas que consolidam (ou não) determinados comportamentos dos agentes sociais e, por conseguinte, fazem parte da estrutura social que compõe todo o movimento discursivo (e de ações) dos sujeitos sociais.

Defendemos que, na economia, alguns dos processos de utilização de estratégias discursivas são parte de uma construção de novas propos-

## **LIVRO DAS OFICINAS**

tas para o comportamento de uma economia global, ou seja, da globalização, mas que essa estratégia, este modo de enfrentar o texto e as informações que podem alterar o comportamento social (e o discurso) podem parecer estratégia globalista. Essa possibilidade de se ter uma estratégia globalista conduz, por vezes – mas não obrigatoriamente, a um processo de globalização.

Por fim, entendemos que o discurso como manifestação da cultura e do comportamento dos usuários de determinadas línguas (no caso, o português) sofre influência do mercado global, cuja comunicação se dá, majoritariamente, em inglês e torna-se um elemento que, influenciado pela cultura de um mercado global, se vê alterado pelos usos linguísticos desse mercado e, por conseguinte, se transforma, se altera e tende a ser visto como mais um processo (anônimo) da globalização.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *La globalización, consecuencias humanas*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

\_\_\_\_\_. *Modernidad líquida*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

\_\_\_\_\_. *Mundo consumo, ética del individuo en la aldea global*. Buenos Aires: Paidós, 2010.

BECK, Ulrich. *¿Qué es La globalización? Falacias del globalismo, respuestas a la globalización*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2008.

CHOULIARAKI, Lilie & FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DIJK, Teun A. van. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. *Media Discourse*. London: first published by Edward Arnold, 1995.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Traduzido por Izabel Magalhães, coordenadora de tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, 2008 (reimpressão).

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and globalization*. London and new York: Routledge, 2006.

### ANEXO

#### 10 países que têm grande risco de dar um calote<sup>7</sup>

Ranking elaborado pela Gradual Investimentos mostra quanto o mercado cobra pelo seguro contra esses países

Luís Artur Nogueira, de *Exame.com*

Você colocaria o seu dinheiro na Grécia? E na Argentina?

São Paulo – Correr riscos para alcançar um objetivo traçado é algo que faz parte da nossa vida. No mercado financeiro, vale a afirmação de que quanto mais alto o risco, maior o retorno potencial. Em momentos de euforia, brotam investidores dispostos a cometer loucuras para amealhar fortuna. Tudo muito bonito até a hora em que surge uma crise que põe fim à farrá.

Qual é o risco de se investir num título público do Brasil? Num passado pouco distante, o cenário por aqui não era favorável. Atualmente, com mais de 300 bilhões de dólares em reservas, o quadro mudou e o país tornou-se um dos destinados mais badalados do capital internacional.

Mas, como mensurar isso? Existem algumas medidas de risco no mercado, como o índice calculado pelo JP Morgan e as notas das agências de classificação de risco. Há também o Credit Default Swap (CDS), um instrumento derivativo negociado no mercado financeiro, que serve como um seguro contra o calote de algum país. O raciocínio é simples: quanto maior o risco de moratória, mais alta é a cotação do CDS desse país.

O valor desses derivativos, também chamado de *spread*, se refere a um período específico e normalmente é medido em pontos-base (um ponto base equivale a 0,01 ponto percentual). Sendo assim, um CDS de 100 pontos-base indica que o credor irá pagar o equivalente a 1% da sua carteira de crédito para ser protegido pelo vendedor do derivativo. É claro que esse indicador não prevê quando o calote ocorrerá (nem garante que haverá o calote), mas mostra como o mercado 'precifica' esse risco.

A pedido de *Exame.com*, o economista-chefe da Gradual Investimentos, André Perfeito, fez um levantamento dos 10 países que possuem as maiores cotações do CDS. De um total de 71 nações pesquisadas, o Brasil tem o 35º maior risco. Não por acaso, lideram o ranking países que estão em grave crise econômica, como os da periferia europeia, os que vivem revoluções sociais, como os árabes e os norte-africanos, e aqueles eternos adeptos do populismo irresponsável – ah, esses nossos vizinhos...

A pergunta simples e direta é: você colocaria o seu dinheiro nesses países? "*No risk, no fun*", já diria o poeta. Será? Bom, muita gente pula de *bungee jump*...

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://exame.abril.com.br/economia/mundo/noticias/10-paises-que-tem-grande-risco-de-dar-um-calote>; consultado em 30/05/2011.

## **LIVRO DAS OFICINAS**

### **Grécia lidera o ranking**

São Paulo – A Grécia possui a maior cotação entre os CDS negociados com prazo de cinco anos: 1.473,33 pontos-base.

O risco elevado é explicado pela grave situação financeira pela qual passa o país, com possibilidade não remota de moratória. O socorro por parte da União Europeia e do Fundo Monetário Internacional permeia diariamente as manchetes internacionais. Não está descartada a saída da Grécia da zona do euro.

O índice significa que o seguro contra o calote grego custa 14,73% do montante aplicado. Se um investidor tem US\$ 1 milhão investido em títulos da Grécia e quer proteger esse capital, precisa pagar US\$ 147.333,00 para o vendedor do CDS, que ficará com o risco da inadimplência.

### **Ranking dos maiores CDS**

**1º lugar – Grécia: 1.473,33 pontos (cotação do fechamento do dia 24/5)**

### **O 'risco Chávez' é altíssimo**

São Paulo – Que tal aplicar os seus recursos em papeis "timbrados" de Hugo Chávez? A Venezuela ocupa o segundo lugar no ranking de CDS de 5 anos com 1.119,13 pontos-base.

O risco elevado é explicado pela grande dependência que o país tem do mercado de petróleo e, é claro, das ideias "exóticas" do seu presidente.

A pontuação significa que o seguro contra o calote venezuelano custa 11,19% do montante aplicado. Se um investidor tem US\$ 1 milhão investido em títulos da Venezuela e quer proteger esse capital, precisa pagar US\$ 111.913,00 para o vendedor do CDS, que ficará com o risco da inadimplência.

### **Ranking dos maiores CDS**

**2º lugar – Venezuela: 1.119,13 pontos**

### **Paquistão: ter sido esconderijo de Bin Laden atrapalha imagem**

São Paulo – A terra escolhida por Bin Laden para se esconder dos Estados Unidos não anda muito bem vista no mercado financeiro. O Paquistão ocupa o terceiro lugar no ranking de CDS de 5 anos com 862,50 pontos-base.

Isso significa que o seguro contra o calote paquistanês custa 8,63% do montante aplicado. Se um investidor tem US\$ 1 milhão investido em títulos do Paquistão e quer proteger esse capital, precisa pagar US\$ 86.250,00 para o vendedor do CDS, que ficará com o risco da inadimplência.

### **Ranking dos maiores CDS**

## **LIVRO DAS OFICINAS**

**3º lugar – Paquistão: 862,50 pontos (cotação do fechamento do dia 24/5)**

### **Portugal: nossos patrícios estão em apuros**

São Paulo – Assim como os gregos, os nossos patrícios passam por sérias dificuldades fiscais. Portugal, que é a letra "p" do acrônimo Piigs, ocupa o quarto lugar no ranking de CDS de 5 anos com 665,00 pontos-base.

Isso significa que o seguro contra o calote português custa 6,65% do montante aplicado. Se um investidor tem US\$ 1 milhão investido em títulos de Portugal e quer proteger esse capital, precisa pagar US\$ 66.500,00 para o vendedor do CDS, que ficará com o risco da inadimplência.

### **Ranking dos maiores CDS**

**4º lugar – Portugal: 665,00 pontos (cotação do fechamento do dia 24/5)**